

Bom dia a todas e todos, meu nome é Célia Zenaide e estou aqui representando o Conselho Federal de Psicologia, o nosso CFP. Falo também em nome do Sistema Conselhos de Psicologia que hoje é formado por 23 conselhos Regionais de Psicologia em todo Brasil.

Represento o CFP mas, na condição de uma mulher preta, periférica e trabalhadora da política pública de assistência social, o SUAS, penso que de alguma forma posso aqui emprestar a minha voz para um conjunto de populações excluídas e em situação de grave vulnerabilidade social. Falo isso e quero ir direto ao ponto, afirmando que não é possível falar em violência no Brasil e não é possível insurgir-se contra a violência no Brasil, sem atentarmos para o fato de que há populações que são alvos sistemáticos da violência.

Violência estrutural como a perpetrada por agentes do Estado no extermínio de jovens negros e nas prisões sob pretexto da GUERRA ÀS DROGAS. São alvos de violência sistemática a população LGBTI, mulheres, índios, enfim, poderíamos aqui ir enfileirando exemplos, mas o mais importante é denunciar um método, uma forma de estruturação de uma sociedade que distribui mal renda e direitos. Que invisibiliza uns, que segrega outros, demoniza alguns.

Falo de uma sociedade que naturalizou e banalizou a violência como forma de estruturar as relações. Isso mesmo, vivemos no momento onde a violência está autorizada como método político de disputa de interesses e como método de estruturar relações sociais. Numa sociedade profundamente desigual e escandalosamente hierarquizada não se estabelecem relações de cooperação ou a paciente construção de consensos, método próprio da democracia, mas criam-se relações de mando. O que me faz lembrar de um ridículo ditado popular que sintomaticamente é repetido a esquerda e a direita, de que - manda quem pode e obedece quem tem juízo.

Desde a vida concreta, marcada pelo cotidiano duro, num mundo que nos chama à sobrevivência, mergulhada numa cultura que dissemina contravalores como a intolerância e preconceitos de toda ordem, hoje embalados pelo discurso de ódio quase que onipresente nas ruas e principalmente nas chamadas redes sociais, vai se conformando subjetividades violentas, como sua contraface, subjetividades amedrontadas. Num ciclo de violência gerando medo e medo tendo a violência como resposta possível, como nos diz Chico Buarque na canção Caravanas, o medo gera raiva que se manifesta em covardia.

Por sua vez, a Psicologia tem apostado na fala, no diálogo e na produção de sentidos. Reconhecemos o potencial das pessoas que se organizam em

movimentos, das que são capazes de gestos de solidariedade e amor, mesmo quando tudo parece convidar ao isolamento. Por isso, saudamos a criação da Mesa Nacional de Diálogos Contra a Violência. Nós vislumbramos esse movimento adotando um método que usamos muito, que são as rodas de conversa. Apostamos na polissemia da diversidade, da ampliação da autonomia dos sujeitos e dos grupos. É fundamental que as vítimas da violência sejam convidadas para dialogar. Que possam construir conversas potentes carregadas de inconformismo e que apostemos não na resiliência, mas na vontade de transformação.

Por outro lado, é fundamental dizer NÃO. Precisamos interditar a violência como método de estruturação da sociedade e dizer que basta de discurso de ódio como legitimador e naturalizador da violência.

Sigamos em frente para construir novos possíveis futuros.

E termino com um trecho do poema de João Cabral, “Morte e vida Severina”.

“E não há melhor resposta que o espetáculo da vida:
vê-la desfiar seu fio, que também se chama vida,
ver a fábrica que ela mesma, teimosamente, se fabrica,
vê-la brotar como há pouco em nova vida explodida;
mesmo quando é assim pequena a explosão, como a ocorrida;

como a de há pouco, franzina;
mesmo quando é a explosão de uma vida Severina.”

Muito obrigada!

Célia Zenaide
Conselheira do CFP